
Editorial

Ana Letícia de Fiori e Juliana Caruso

**Edição electrónica**URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9897>

DOI: 10.4000/pontourbe.9897

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Ana Letícia de Fiori e Juliana Caruso, «Editorial», *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 27 dezembro 2020, consultado o 08 janeiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9897> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9897>

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 janeiro 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Editorial

Ana Letícia de Fiori e Juliana Caruso

- 1 A *Revista Ponto Urbe*, do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana, completa treze anos em 2020, chegando com esta edição ao seu 27º número. No curso de vida da revista, trata-se de um *adolescer*, um *coming of age*, também dotado de seus ritos de passagem e momentos de liminaridade. Continuamos realizando todas as atividades de editoração de modo remoto, resguardando tanto possível a saúde de nossa comissão editorial, de acordo com as recomendações sanitárias da OMS.
- 2 No editorial passado, informamos a reformulação do estatuto da revista e sua inserção em importantes indexadores, esforço que continuou no número atual, com o acréscimo dos indexadores OAJI.net - Open Academic Journals Index, REDIB - RED iberoamericana de innovación y conocimiento científico, Sumarios.org, ICI - index copernicus international e Eriplus - european reference index for the humanities and social sciences, ERIH PLUS - European Reference Index for the Humanities and Social Sciences, graças ao empenho de nosso estagiário Stefano Alfarelos. Para os próximos números, outras mudanças no processo editorial serão realizadas, de modo a evitar ruídos de comunicação e agilizar processos. Ainda assim, a Revista Ponto Urbe mantém seu compromisso de oferecer um espaço plural de publicação e interlocução, aberto a contribuições de pesquisas feitas em diferentes regiões do Brasil e do mundo, em todos os níveis de formação, das pesquisas iniciais de graduação (abrigadas em nossa seção Etnográficas) a artigos de ampla repercussão no campo.
- 3 No dia 19 de novembro de 2020, realizamos mais uma edição do Urbe em Foco, evento da Ponto Urbe para promover um debate ao vivo sobre discussões presentes na revista. A controvérsia sobre a manutenção ou derrubada de monumentos, logradouros e outras homenagens a personagens históricos envolvidos com a violência colonial, racista e das ditaduras, nos Estados Unidos como no Brasil, é a tônica desta edição do evento. Assim, o artigo publicado na edição 25, “Os bandeirantes ainda estão entre nós”, de nossa editora Thaís Waldman, ensejou a realização do **Urbe em Foco** “*Monumentos em queda, efemérides em ascensão: conhecimento, imaginação e memória em debate*”, realizado em parceria com o Laboratório Social. O evento contou com a participação de nosso novo editor Alexandre Araújo Bispo (Antropólogo/USP), Maria Aparecida Lopes

(Historiadora/UFSB), Solange Ferraz Lima (Historiadora/Museu Paulista-USP), Evandro Prado (Artista Visual - selecionado na 29ª Edição do Programa de Exposições do CCSP) e mediação de Thaís Waldman (Antropóloga/USP). O debate pode ser acessado no canal do YouTube do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana por este link.

- 4 Em sua oitava tese *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin escreveu que “O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no séculos XX ‘ainda’ sejam possíveis, não é um assombro filosófico”. A advertência ainda vale para estas décadas iniciais do século XXI em que vivemos, nas quais o obscurantismo e o negacionismo científico são instrumentos da necropolítica de que nos fala Achille Mbembe, gerando uma névoa epistemológica (na expressão utilizada em *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem* por Michael Taussig, autor traduzido nessa edição) de desinformação, medo, ressentimento e violência. A tarefa sisífica que nos cabe, nesse sentido, é continuar a aposta na defesa da livre produção, acesso e disseminação do conhecimento científico - que agora recebe novos ataques com os cortes de financiamento das agências de fomento - reconhecendo o papel fundamental das ciências humanas, e da antropologia e do olhar etnográfico em particular, na compreensão da pandemia de Covid-19 como um fato social total (talvez o maior que testemunhamos em muito tempo), de emergências e manifestações distintas em diferentes contextos e segmentos da população.
- 5 Assim, esta edição apresenta o **dossiê "Dias de pandemia: uma descida ao cotidiano da doença"**, organizado por Denise Pimenta (USP), Natália Fazzioni, Rodrigo Bulamah e Caetano Sordi. Questões sobre a inteligibilidade da pandemia, os universos semânticos e pragmáticos que por ela se enfeixam e seus efeitos sobre corpos e vidas são abordados nos artigos de Tiago Lemões, em uma crítica de inspiração pós-colonial voltada aos discursos sobre a população em situação de rua, e Túlio M. Franco, analisando como os circuitos metafóricos do Covid-19 determinam a dinâmica da pandemia no Brasil, inflexionada por marcadores de “raça”, “gênero” e “classe”. Marcadores sociais da diferença recortam as abordagens de Fabiane V. dos Santos, sobre as ausências das políticas públicas de saúde para indígenas urbanos e o protagonismo de mulheres indígenas em Manaus; Mona Lisa da Silva e Vera Rodrigues, a partir dos relatos de mulheres negras de Fortaleza/CE; e de Eugenia Brage, sobre as mulheres bolivianas no bairro do Bom Retiro, São Paulo/SP, em seus itinerários terapêuticos. Políticas públicas de saúde, violência e racismo são também debatidas por Flávia Medeiros e Priscila dos Anjos, no contexto de Florianópolis; enquanto o jogo de visibilidades e invisibilidades de certas doenças na Argentina é analisado por Andrea Mastrangelo. Rosenilton Oliveira aborda os sentidos da benção *Urbi et Orbi* realizada pelo Papa Francisco, no Vaticano, situando discursivamente a Igreja Católica nos enunciados na esfera pública sobre a pandemia. Já os enunciados e agenciamentos sobre a cloroquina, a medicalização da política e suas controvérsias são mapeadas por Flora R. Gonçalves. O dossiê conta ainda com a entrevista denominada “De vírus e caçadores”, com Frédéric Keck, do Laboratoire d’Anthropologie Sociale du Collège de France, realizada por Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah, disponível em inglês e português.
- 6 Na seção regular de **Artigos**, em *Prelúdios da aprendizagem com Mestra Paulina Composições, multiplicidade e contramestiagem*, de Emília G. Mota, a autora reflete sobre as multiplicidades e as imagens da Umbanda como religião brasileira a partir do contato com a Mestra Paulina em uma casa de Umbanda em Goiás. Em *Internet e trabalho de campo antropológico: dois relatos etnográficos* de Cristina Marins, a autora apresenta um

debate sobre o trabalho de campo com auxílio de ferramentas digitais em redes sociais levantando o debate sobre categorias que podem transitar nesses contextos, como circuito. O artigo *Ocupamos as ruas com standartes, confetes e serpentinas mostrando que o Rio é nosso*: O carnaval dos blocos de rua como espaço de luta política pelo direito à cidade das autoras Marina Bay Frydberg, Ana Clara V. Martinez Veras Fereira e Emily Cardoso Dia discutem, através dos blocos de rua na cidade do Rio de Janeiro o direito à cidade. apoiadas em autores como Lefebvre e Harvey. Phelipe Caldas Pontes Carvalho, em sua etnografia junto a torcida organizada do Botafogo da Paraíba, “*Mais uma gelada, por favor*”: um debate sobre a tentativa de criminalização do consumo de bebidas alcoólicas em estádios de futebol” coloca em evidência as sociabilidades e discussões que a proibição do consumo de bebidas alcoólicas suscita no contexto futebolístico. Tocando no tema do esporte, Simone P. da Costa Dourado aborda questões de gênero e de profissionalização no xadrez em seu artigo: *Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez*. O artigo *Homens, pés e desejo: notas etnográficas sobre a performance da adoração no fetiche da podolatria masculina, no Brasil e nos Estados Unidos*, de Ribamar José de Oliveira Junior, explora a discussão em torno do fetiche da podolatria masculina, a partir de uma pesquisa realizada em redes sociais entre 2019-2020 no Brasil e Estados Unidos. Em *Carnaval na Amazônia: o bloco do Laurso*, os autores Antonio Cleison Soares dos Santos e Wanessa Pires Lott abordam o carnaval em Fernandes Belo. Neste festejo, os participantes usando “materiais retirados da natureza”, caracterizam-se em animais que ao fim das festividades, morrem para ressuscitar no ano seguinte. *La Migration et Marseille: un rapport entre la mer et l’urbanité* (Migração e Marselha: uma relação entre o mar e urbanidade) de Otávio Amaral da Silva Corrêa aproxima dois eixos para pensar a cidade de Marseille hoje, bem como sua relação com a imigração a partir de uma etnografia realizada entre 2018 e 2019. Neste artigo, o autor busca recuperar Marseille como berço de trocas entre diferentes culturas ao longo do tempo.

- 7 Neste número, a seção **Etnográfica** conta com seis relatos do Brasil e um de Moçambique que nos convidam a olhar para diferentes assuntos e sujeitos. *Por dentro dos pátios, de frente para a tela: Apropriações e indicativos da presença de smartphones em um leilão na região metropolitana de São Paulo*, de Luiz Gustavo Pereira, fala sobre os leilões de automóveis e as novas interações digitais nesse evento. Em *Terceiras margens da cidade: a experiência do povo de rua*, de Giovanna Bernardino, a autora busca explorar a partir de uma “terceira margem” da urbe as experiências etnográficas vividas junto aos interlocutores que fazem das ruas sua morada na cidade de São Paulo. *Em fevereiro tem carnaval: blocos e sociabilidades de rua em Porto Alegre/RS*, é o relato de campo de Joanna Munhoz Sevaio sobre a cena noturna e o carnaval no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre, RS. Outro relato de campo sobre o Rio Grande do Sul é apresentado por Yasmim Stella D. Marcucci em *O ‘Típico’ importado: A Memória Construída do Rio Grande do Sul*. Nesta pesquisa ainda em andamento, a autora descreve como as noções de “típico” e de herança da imigração europeia influenciam discursos e identidades na região do Vale dos Vinhedos. “*Desta Vez o Gatuno Não Passa*”, de Miguel Joaquim J. Muhale, versa sobre o contexto das eleições gerais de 2019 em Moçambique. O embate entre a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique e a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) estão no cerne desse relato. Por último e não menos importante, a etnográfica “*Hoje tem festa na favela*”: notas etnográficas sobre um campo de futebol de subúrbio em Fortaleza, de Guilherme Custódio da C. Filho, nos apresenta as diferentes cenas e contextos do futebol nas “Areninhas” do bairro Pirambu, na cidade de Fortaleza, CE.

- 8 A seção **Cirkula** deste número conta com o texto *Expériences olfactives de la ville pour le piéton*, David Le Breton, apresentado pelo autor durante a palestra proferida em setembro na FAU-USP junto à programação de palestras abertas “Fau Encontros”. Ainda nesta seção, disponibilizamos este artigo traduzido para o português por Tiago Hyra Rodrigues e Juliana Caruso assim como o link da gravação do evento.
- 9 A **Tradução** desse número foi realizada por Carolina Parreiras e Juliana Valente. Em “NYPD Blues”, publicado originalmente em *Walter Benjamin’s Grave* (2006), Michael Taussig retoma a discussão de Benjamin em “Para uma crítica da violência”, sobre o papel ambivalente da polícia como força que funda e conserva o direito, chamada por Taussig de “terra de ninguém”, para um relato etnográfico ensaístico sobre a polícia estadunidense, em um diálogo que passa também por Freud, Bataille e Thomas Hobbes. As tradutoras acrescentam ao texto uma nota, refletindo sobre a atualidade do texto diante do movimento Black Lives Matter e da violência policial no Brasil.
- 10 Na seção **Entrevista**, também de terras estrangeiras, Lígia Ferro fala a Barbara Cortes sobre o universo do *Le Parkour* em Portugal, *De traceuse para traceuse*.
- 11 O número 27 da revista conta com três **Ensaio Fotográficos**. Jonatha V. Santos traz imagens de ocupações juvenis do espaço urbano, acompanhando diferentes coletivos em Sergipe; de Periperi, bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS), Marina Silveira Muniz Ferreira, Atilon da Silva Matos Silva, Eliana Juriti, José Eduardo Ferreira Santos e Thaís Troncon Rosa trazem paisagens que revelam tensões entre moradores, o mercado imobiliário, e o poder público, memórias, pertencimentos e transformações; por fim, Jeferson Carvalho da Silva, Wanessa Marinho Assunção e Lidyane Souza Querino tem como personagem principal de seu ensaio o Edifício Alcântara, morada de muitas narrativas de Viçosa/MG.
- 12 Guillermina Carreño nos oferece uma **Resenha** do livro *Imaginários políticos e religiosos ao sul da América Latina* de Mauro Meirelles (Porto Alegre: CirKula, 2016), um trabalho etnográfico e comparativo entre Buenos Aires, Montevidéu e Porto Alegre, abordando a transnacionalização de práticas religiosas por meio de fluxos político-religiosos e propondo uma matriz cultural cisplatina.
- 13 Manifestamos nossa solidariedade a todos, todas e todes que perderam alguém nesse ano tão difícil. Desejamos que tenhamos força para resistir e condições para atravessar este período tempestuoso, mantendo uma ética de cuidado e cooperação, construindo e preservando, como diz Donna Haraway em *Staying with the trouble* (2016), nossos refúgios. Uma boa leitura e, principalmente, saúde. Atotô!

Ana Letícia de Fiori e Juliana Caruso

Editora Executiva e Editora Assistente da Ponto Urbe

AUTORES

ANA LETÍCIA DE FIORI

Professora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Acre.

E-mail: morgotia@gmail.com

JULIANA CARUSO

Pesquisadora associada ao HYBRIS (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades) PPGASUSP-; LAPOD (Laboratório de Estudos Pós-Disciplinares) IEB / USP

E-mail: ju.limacaruso@gmail.com